

AS MEMÓRIAS DE UM MENINO DE CUEIRO ROSA

Resumo: As linhas que alimentam este artigo fazem parte de minha história de criança viada que se tornou um professor bicha de uma cidade do interior da Bahia. Tais linhas foram iniciadas no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, especificamente, em minha pesquisa de mestrado intitulada “Narrativas e memórias de docentes lésbicas e gays negros e não negros do município de Itamaraju/BA” do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia. A metodologia empregada foi a autobiográfica, já que o texto me desnuda e me mostra para outros. Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo narrar a minha história de vida que foi repleta de medos, indiferenças, rejeições e, principalmente, resistência. No artigo relato como foi preciso suplantar o que me era imposto na família, na escola e na sociedade; trago apontamentos de como criei uma válvula de escape para repor o que acreditava, erroneamente, faltar-me: a heterossexualidade.

Palavras-chave: Narrativas. Raça. Viado. Sexualidade.

THE MEMORIES OF A BOY IN A ROSE SWIMSUIT

Abstract: The lines that feed this article are part of my story of a fag child who became a fag teacher in a city in the interior of Bahia. Such lines were initiated in the Graduate Program in Teaching and Ethnic-Racial Relations, specifically, in my master's research entitled "Narratives and memories of black and non-black lesbian and gay teachers in the municipality of Itamaraju/BA" of the Institute of Humanities, Arts and Sciences at the Federal University of Southern Bahia. The methodology used was autobiographical, since the text lays me bare and shows me to others. Therefore, the research aimed to narrate my life story, which was full of fears, indifference, rejections and, mainly, resistance. In the article I describe how it was necessary to overcome what was imposed on me in the family, school and society; I bring notes of how I created an escape valve to replace what I mistakenly believed I lacked: heterosexuality.

Keywords: Narratives. Breed. Fag. Sexuality..

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de minha pesquisa de mestrado intitulada “Narrativas e memórias de docentes lésbicas e gays negros e não negros do município de Itamaraju/BA”¹. Pesquisa que vem sendo produzida com os professores gays e lésbicas negros e não-negros do município de Itamaraju, no interior baiano. Para tanto, o trabalho proposto se faz em um processo de devires e escutas, de ressignificações e resistências.

No entanto, aqui, há uma escrita de minhas narrativas que se fizeram em meio às minhas desconstruções subjetivas, ao meu mundo repleto de medos, de incertezas e de glórias. Traço, então, um breve panorama de minhas vivências de criança viada, adolescente inseguro e professor bicha que sempre tentou, a todo custo, omitir que o corpo que trazia não resumia seus desejos.

Para tanto, este artigo utilizou de uma metodologia autobiográfica. Método que se fez necessário para auxiliar os leitores na desconstrução de discursos racistas, machistas e LGBTfóbicos, principalmente, os que são construídos e alimentados dentro do espaço escolar. Espaço que é composto por múltiplas identidades.

De acordo com Abrahão (2003),

[...] Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta, é o componente essencial na característica do (a) narrador (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

12

Dito isso, “as narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas” (ABRAHÃO, 2003, p. 81). Essas experiências podem ser inquietantes, gloriosas, tímidas e, por vezes, segregadas por outras histórias que se alinhavam no percurso de quem as vive.

[...] a (auto)narrativa pode ser obtida de forma direta ou indireta, mas sempre com a aquiescência e a participação do narrador. Desponta aqui uma questão: qual motivo e finalidade levou o narrador a este aceite. Seus motivos conscientes ou não transparecerão no material produzido, quanto maior for a quantidade de dados,

¹ Os nomes que se encontram neste artigo, para além do autor, são fictícios.

maiores possibilidades de articulações, mesmo sabendo que sempre haverá uma autocensura e/ou uma incapacidade de autopercepção (MARQUES, SATRIANO, 2017, p. 380).

E esta vontade de narrar, de me desnudar surgiu com a Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). O curso e a Instituição me desconstruíram. Os meus pensamentos acerca de corpo, sexo e gênero foram ganhando outras marcas, e pude notar que precisava falar acerca de mim e do que me atravessava.

Não é difícil entender que nossa sociedade possui um sistema que classifica, segrega e sobrepõe os sujeitos, e essa sobreposição se faz mediante a raça, a identidade de gênero e a classe social. Ser homem branco, hetero cisgênero e de classe média alta ou alta lhe coloca no topo da cadeia social. Aquele que não possui o privilégio de nascer ou estar inserido em tais estereótipos, deverá se contentar com às margens de algum lugar indefinido.

Sobre isso, entendemos que nossa cultura valoriza a heterossexualidade, essa que é permeada por estratégias e ações que, constantemente, fortalecem a identidade do “macho alfa”, o responsável por traçar a fronteira entre o ser homem e o ser viado. “A preocupação com uma possível feminilização por parte de alguns homens, fizeram com que investissem e construíssem para si uma série de papéis e traços representativos da sua condição masculina” (SILVA, 2000, p.11).

Então, como eu poderia ser viado em uma família de militares? Como eu poderia me comportar na escola e nos demais espaços que exigiam a performatividade de meu gênero? Essas questões sempre estiveram latentes em minha cabeça, mas, em nenhum momento, soube entendê-las. Em contrapartida, como entender algo se a criança viada que havia em mim só queria os tamancos da mãe?

De acordo com Nogueira (2020),

[...] as crianças viadas, mesmo com um esforço nominal de se compreender sua orientação sexual como aceita e adequada, possuem suas expressões de gênero questionadas como inadequadas posto que o paradigma do aceitável está regulado por uma masculinidade viril que nortearia o que se espera das homoidentidades. Portanto, em um ato prestidigitador, o que aparentemente seria um ato de acolhimento da diferença, revela-se a reiteração de assimetrias sexuais a inferiorizar corpos masculinos efeminados (NOGUEIRA, 2020, p.108).

E essa masculinidade viril me acompanhou até a fase adulta, transformando-me em um professor bicha cheio de medos. O pior deles era de aceitar o viado que sempre fui. Em suma, a criança viada que amava os tamancos foi perdendo seu brilho para os discursos do certo e errado, discursos proferidos pela família, pela escola e pelas ruas, ou seja, as pessoas me ensinavam a performatizar o meu biológico.

2 O FILHO DO MILITAR

Na Bahia existe um ditado que diz: “baiano não nasce, ele estreia”. E assim começo minha narrativa, com a minha estreia no dia 30 de janeiro de 1978. Sou o terceiro filho de um, então, cabo da Polícia Militar e de uma costureira, diga-se de passagem, de mão cheia. Como os dois primeiros filhos foram meninos, eles esperavam e acreditavam que o terceiro seria uma menina.

Logo, enxoval feito, roupas rosas e a cesariana marcada. Nasci às 12:00h com 3,08kg no Hospital Maternidade Luiz Argolo, na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA. Saí da maternidade usando rosa, mas, logo, as roupas foram trocadas, pois, para meus pais, rosa era cor de menina. Naquele instante, meus pais seguiram o padrão de sexo/gênero, dando ênfase ao meu corpo biológico. Sobre isso, Colling (2018) traz que,

[...] só passamos a existir enquanto sujeitos no momento em que ou outros determinam que somos homens ou mulheres. Hoje em dia, quando a gestante realiza a ultrassonografia e a profissional de saúde identifica o sexo do bebê, a partir daquele momento, sem nenhuma liberdade, o bebê passa a ter um gênero e todas as normas de gênero passam a incidir sobre aquele ser que sequer nasceu (COLLING, 2018, p. 28).

Da minha primeira infância guardo poucas lembranças. Lembro da minha primeira professora por nome Carminha e, vagamente, me vem a memória as brincadeiras em frente à escola na areia ou na sala de aula envolto por almofadas. Pego-me com essas vagas lembranças que, às vezes, pergunto-me se foram reais ou não, contudo, ao descrevê-las para minha mãe, a confirmação vem: os espaços realmente existiram e a professora Carminha não fazia parte do meu imaginário, era real.

Minha infância não fora muito fácil. Minha mãe vendia gelatinhas e costurava dia e noite para complementar a renda de meu pai que era cabo da polícia militar. Recordo-me que nessa época a brincadeira mais divertida era colocar visgo de jaca na ponta de uma vara para

capturar cigarras. Era muito divertido! Meus irmãos sempre me levavam para uma quadra rodeada de pés de jaca para me ensinarem tal arte.

Já nessa época, entre os cinco e seis anos de idade, lembro que tive acesso ao quarto de minha mãe e visualizei aqueles tamancos e roupas femininas postas em um armário no canto do quarto. Era um dia de domingo ensolarado e, como de costume, minha mãe colocara o disco do Padre Zezinho (“Um certo Galileu”) para tocar. Era sagrado essa trilha sonora aos domingos, enquanto a casa era faxinada.

Ainda sobre este episódio, recordo-me que o toca-discos estava ligado e eu, no ímpeto de curiosidade, calcei um tamanco de minha mãe e coloquei o sutiã, mesmo folgado e caído por não ter sido abotoado por atrás. Aquilo, para mim, foi tão majestoso, senti-me imponente, andava de um lado à outro com trejeitos de uma criança viada inocente e sem malícia. Porém, neste momento, meu pai adentrou no quarto.

De imediato, notei que em uma mão ele segurava a camisa da farda passada com goma. Na outra, o ferro de passar ainda quente. Ao me ver, veio gritando se eu queria ser mulherzinha, pois ele não aceitava aquilo para o filho dele. Esbravejou que eu tinha que ser macho e honrar o que tinha no meio das pernas.

Ouvia aquilo acuado sem entender o porquê daquela atitude. Ora! eu estava apenas calçando e vestindo algo que era de minha mãe; não conseguia enxergar maldade naquilo. Contudo, em sua ânsia de fúria e gritos, encurralou-me. Encostou o ferro ainda quente no sutiã, queimando-me abaixo do peito. Era uma dor que fora amplificada pelo medo ao ver meu pai tão furioso com olhos quase saindo das órbitas.

Quando ele percebeu o que tinha feito, saiu do quarto e minha mãe veio me acudir. Foi uma briga homérica entre os dois. Minha mãe me acalentava e cuidava da minha queimadura, a qual carrego a marca até hoje. Aqui, lembro que Butler (2017, p. 35) diz que os sujeitos “buscam por criminalizar ou patologizar aqueles que vivem seus gêneros ou suas sexualidades de maneiras não normativas, estão eles mesmos agindo como polícia ainda que não pertençam a nenhuma força policial ou manejem uma arma”.

No mais, a arma utilizada pelo meu genitor não fora o ferro que marcou minha pele, tampouco a que manejava em seu trabalho, mas a palavra, o gesto e a força em me expurgar de mim. Meu pai usou todo o poder que tinha por conta de um pedaço de pano que adornava

meu busto, e isso foi mais doloroso que a marca que trago na pele. Pedro havia me dito que algo que fiz estava errado, mas eu desconhecia.

Segundo Louro (2013, p. 82) não podemos esquecer que existe “certa premissa, bastante consagrada, costuma afirmar que determinado sexo (entendido, neste caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero e esse gênero, por sua vez, indica o desejo ou induz a ele”, e eu estava caminhando em desacordo com a heterossexualidade compulsória.

A pesquisadora ainda coloca que “as normas regulatórias do sexo têm, portanto, um caráter performativo, isto é, tem um poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual” (LOURO, 2018, p. 41). Então, passei a performatizar uma identidade heterossexual para não mais sofrer aquela violência do meu pai.

Os dias seguintes foram de extremo silêncio, meu pai sempre me olhava de soslaio, um olhar inquisidor que me feria a alma. Todavia, mesmo sem entender o que seria disciplinamento do corpo, eu já sentia que havia desagradado e que era proibido usar as coisas de minha mãe. Naquele instante, tive medo dele. O senhor Pedro havia dito, com o ferro quente, que eu deveria ser homem, mas o que era ser homem? Eu só usei o sutiã de minha mãe, que mal havia nisso?

Com o tempo fui entendendo que a criança viada não poderia existir em minha casa. Depois daquele episódio, eu teria que me afirmar como o menino que proporcionava orgulho aos pais, e esse orgulho teria que ser constante. Dispus-me a suprimir minhas vontades em prol do que meus pais haviam planejado para minha vida, e vi a escola como o lugar ideal para mostrar minhas potencialidades.

2.1 A religiosidade em meu caminhar

A religião sempre esteve muito presente em minha vida. Minha mãe, filha de católicos, cresceu cuidando da igreja do Distrito em que morava, Jucuruçu, ela pertencia ao grupo “Sagrado coração de Maria”, era conhecida como zeladora do Sagrado Coração, e sempre teve a religiosidade muito presente em todo o seu desenvolvimento (de criança à vida adulta); já por parte de meu pai, minha avó, Dona Maria do Socorro, era dona de um terreiro de Candomblé.

Mas, meu pai nunca foi dado a religião. Ele nunca teceu comentários acerca da religião praticada por minha avó. O pouco conhecimento que tenho sobre a religião de minha avó paterna foi passado por minha mãe, através das histórias que ela contava de algumas práticas de minha avó, as quais ela sempre se referia de modo preconceituoso.

Minha mãe sempre teve um certo preconceito no tocante às religiões de matrizes africanas, logo, eu e meus irmãos fomos criados sob o catecismo da Igreja Católica. Por ter nascido em um lar cristão, sempre fui instruído e regrado a entender que algumas coisas fugiam da aceitação divina, dentre elas que a homossexualidade é um pecado abominável, algo que é extremamente errado e que não é natural.

Então, quando surgiu a confusão em minha cabeça da sexualidade em si e da religiosidade, fiquei meio perdido dentre essa escolha: a minha sexualidade ou a minha religião? Os dois, naquele momento, eram incompatíveis.

Sempre fui muito ativo na igreja, assumia atividades em algumas pastorais já com o objetivo de me redimir daqueles desejos que povoavam a minha mente. Lembro-me de um retiro que participei, quando tinha por volta de uns 15 anos, onde a pessoa que pregava pedia para fechar nossos olhos e pedir a Deus que nos curasse daquilo que nos afligia, neste momento eu só pedia a Deus para tirar de mim o desejo que eu tinha por outros garotos, queria ser “normal” como todos os outros, não queria ser discriminado e muitos menos ir para o inferno, desejava isso aos prantos e acreditava que eu iria me tornar hetero.

Tudo isso fora um ledro engano. Infelizmente, a cura não vinha e a culpa aumentava cada vez mais. Os estudos eram o meu refúgio justamente para não ter tempo de ter pensamentos que poderiam me condenar. Foram anos neste conflito interno esperando uma mudança que não chegava.

17

No entanto, com o passar dos anos, fui aumentando minha rede de amigos, em sua grande maioria, homossexuais e o processo de autoaceitação começou a ser instaurado, confesso que foi um processo lento, dolorido, cheio de altos e baixos, idas e vindas, muitos dedos apontados, mas, todo esse caminhar corroborou para o Adriel que sou hoje.

2.2 A heteronormatividade no dispositivo escolar

Em 1985 mudamos para a cidade de Itamaraju-BA, onde residimos até os dias atuais. Neste mesmo ano, fui matriculado no Grupo Escolar Presidente Medici e lá estudei da Alfa I

até a quarta série primária. Era uma escola linda, cheia de árvores e muito espaço para brincar e correr. Conheci os colegas de sala, fiz muitas amizades, algumas tenho contato até hoje.

Geralmente, os colegas da primeira turma do primeiro ano ficavam juntos todos os anos. Como estávamos sempre na mesma sala, criei muitos vínculos e já nessa época, por conta de alguns trejeitos, alunos de outras salas, ao passarem por mim, chamavam-me de “viadinho”. Logo vinha a cena em minha memória do ferro quente encostando em meu corpo, engolia o choro, a tristeza, e chegava em casa alegre tentando disfarçar a dor interna causada pela homofobia.

Louro (2018) pontua que,

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade (LOURO, 2018, p.36).

Sentia-me obrigado a silenciar-me diante dos professores e direção por medo de meu pai ser chamado e o caso ser exposto. Esforçava-me ao máximo para tirar notas boas para meus pais terem orgulho do filho e não causar tristeza. Consegui ultrapassar essa etapa com elogios advindos dos professores e direção deixando meus pais felizes.

Em 1990, cheguei na quinta série. Deixei a minha zona de conforto e fui para uma escola maior: Escola Polivalente de Itamaraju. Tinha 12 salas de aula, espaço incomparavelmente maior que a escola anterior, um mundo a ser desvendado e muitos alunos desconhecidos, diga-se de passagem, uma multidão.

Fui parar na turma da 5^aB do turno matutino. Não conhecia absolutamente ninguém naquele ambiente. Construir novas amizades, aproximar-me de pessoas que nunca havia visto para mim não era problema, desde que fossem as meninas. Sentia-me mais a vontade com elas, descobria que tínhamos gostos iguais. Éramos mais organizados, mais estudiosos, mais educados; já os meninos não tinham essas mesmas preocupações.

A grande maioria dos meninos eram desorganizados, não gostavam de estudar e, por muitas vezes, rudes. Não demorou muito para levar a fama de “mulherzinha” ou “viadinho”, estigma que me perseguia por mais que tentasse correr dele. Porém, por ser muito dedicado e estudioso, todos queriam fazer trabalhos comigo e até mesmo estudar.

Para Louro, “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem” (LOURO, 2018, p.35). E para fugir da homofobia, resolvia sempre fazer trabalho com aqueles que me agrediam justamente para mantê-los com uma dívida e silenciá-los. Essa era a minha técnica de sobrevivência em meio aos colegas hostis.

Quanto aos alunos das outras turmas, não tinha muito o que fazer. Então, aguentava calado, quando passava nos corredores e ouvia os gritos e palavras usadas de forma pejorativa para me diminuir e ofender. Até então, não conseguia entender o porquê de ser tão perseguido, pois, ao meu ver, eu não deixava transparecer nada, apenas fazia o que gostava, conversava gesticulando e sempre em companhia das meninas.

Mas, foi na 7ª série, em 1992, que me peguei olhando demasiadamente para um colega de turma. Ele era alto, corpo já atlético, músculos desenhados, super perfumado, educado e um sorriso lindo. Neste dia percebi que havia algo diferente em mim e comecei a pedir a Deus que tirasse isso para que eu fosse normal e não envergonhasse meus pais.

Os dias passavam e eu não parava de pensar no colega de sala que aqui chamarei de Robson. Na sala de aula, comecei a evitá-lo, sentava a uma certa distância e fazia o possível para não olhar para aquele rosto angelical que povoava meus sonhos a noite. Era uma verdadeira tortura. Desejava sentir seu cheiro, estar em sua presença, queria muito ficar bem próximo a ele, mas, não me permitia vivenciar esses meus desejos, pois o sentimento de culpa e as palavras de meu pai sempre pesavam em minha consciência. E assim segui ao longo de todo o ano, evitando a pessoa que tanto eu desejava. Neste mesmo ano, resolvi falar para uma amiga que eu estava apaixonado por outra colega, justamente, para tentar desviar o foco dos outros que me hostilizavam e, ao mesmo tempo, tentar corrigir esses pensamentos e desejo pelo colega do mesmo sexo.

De acordo com os pesquisadores Junior, Caetano e Goulart (2018),

[...] a performatividade cria condições para definir o gênero como uma performance, uma fábrica de gestos e atitudes que são repetidos, congelados e reforçados pelas práticas discursivas. [...] Nesse sentido, as categorias heterossexual e homossexual também são ficções culturais que produzem sentidos e modos de existência social. O gênero constitui a identidade que ele diz revelar; uma performatividade só se torna real na medida em que é realizada (JUNIOR; CAETANO; GOULART, 2018, p. 94).

E sempre dava o meu máximo para performar a heterossexualidade que me era exigida. Quanto ao meu colega, ainda não sabia o que sentia, mas, mesmo sem saber, e por conta das experiências do passado, tinha certa noção que era algo errado e que não poderia sequer imaginar. Nessa época, meu pai já me perguntava se eu não tinha nenhuma namoradinha, e sempre minha mãe entrava na conversa de modo ríspido dizendo que eu estava na idade de estudar e não de namorar.

Acredito que no fundo ela já sabia da minha sexualidade e tentava me proteger a maneira dela. Consegui sufocar esses meus desejos e pensamentos, sempre focando nos estudos. Saía da escola e, ao chegar em casa, pegava os livros para estudar tudo que foi passado em sala de aula, por vezes, ia além do conteúdo do dia. Dessa maneira, fui levando até concluir a 8ª série do ensino fundamental. Todos os anos fui o melhor aluno da turma, sempre elogiado, contudo, frustrado por ter desejos que não coadunavam com as vontades de meus pais.

Em 1994, fui me matricular no antigo 2º grau, havia o curso de Administração, Técnico em Contabilidade e o Magistério. Já me imaginava dando aulas, sendo um professor da rede Estadual, pois, os professores da rede municipal recebiam metade de um salário mínimo e com seis meses de atraso. Havia relatos de professores municipais passando fome, enquanto outros faziam campanha para arrecadar alimentos.

Muitos professores do meu ginásio falaram que eu tinha potencial para ser outra coisa, para que eu desistisse do magistério e partisse para outra carreira. Mas, como desistir de um sonho? Ser professor para mim era majestoso e ainda o é. Meus pais não queriam que eu fizesse porque a cultura do fazer magistério pertencia a mulheres ou gays. Disse a eles que queria ser professor e que não abriria mão de seguir meu coração. E assim fui. Fiz a matrícula, de 40 alunos existentes, eu era o único homem da turma.

Senti-me no lugar certo, ali poderia me soltar mais, conversar com elas, me abrir, ser quem eu tentei renegar a vida toda. Mesmo assim, ainda sentia alguns olhares inquisidores. Eu era o único homem da turma e o mais novo também, o que se saía bem em todas as disciplinas, logo, fui ganhando espaço e a confiança de todas. Ainda com muitas travas e traumas, via-me nos corredores olhando para alguns alunos dos cursos de contabilidade e Administração, mas, não me permitia nada mais que um olhar, punia-me por dentro e a voz do meu pai ainda ecoava em minhas memórias.

Neste mesmo ano, lembro-me de uma mãe de um ex-aluno da escola, atual estudante de enfermagem na UESC. Ela estava passando de sala em sala e pedindo ajuda para seu filho, pois o mesmo havia contraído HIV e estava hospitalizado. Chegou aos meus ouvidos que ele era gay e que muitos homossexuais estavam se contaminando e morrendo, essas informações me causaram muito medo e então decidi não me relacionar com ninguém, assim, estaria protegido.

Nisso, uma grande parte dos alunos ajudaram aquela mãe desesperada tentando salvar a vida de seu filho que por coincidência tinha sido colega de escola do meu irmão mais velho. Pouco tempo depois, chegou a notícia que o mesmo não resistiu e veio a óbito. Aquilo tinha me marcado e não sabia que me assombraria por tanto tempo. A cidade ficou de luto, pois era um rapaz muito bem quisto pela sociedade, no entanto, poucos sabiam de sua sexualidade.

Já no segundo ano de Magistério, houve uma seleção para estagiar na Secretaria da Fazenda, e lá fui fazer a minha inscrição. Ao chegar no prédio, fui recepcionado pelos alunos do Técnico em Contabilidade e Administração, perguntando-me o porquê de estar ali fazendo aquela seleção se eu estava cursando Magistério. Respondi que no regulamento não fazia restrição de cursos e que eu estava ali para concorrer com eles.

Era uma prova com 15 questões de português e 15 de matemática. Na prova de português caíram perguntas de um romance de Jorge Amado por nome *Mar morto*, por incrível que pareça, tinha lido o livro na semana anterior, logo, saí daquela prova confiante de que tinha feito uma excelente avaliação. Ouvia os outros reclamando das questões, mas ninguém ousava em chegar até mim e perguntar.

Fui literalmente ignorado por todos, ao deixar o prédio, ainda ouvi um: “o que esse ‘viado’ está fazendo aqui? Aqui não é lugar pra ele”. Já estava acostumado com essa discriminação, mas não me deixava abater. Duas semanas depois, saiu o resultado. O “viado” havia passado em primeiro lugar, assim eram as conversas nos corredores. Logo que soube fui tomado de uma alegria tão grande que mais nada importava naquele momento.

Inflei o peito, ergui a cabeça e passei por entre todos com um ar de superioridade como se estivesse falando: “abram alas que o aluno do Magistério quer passar”. Ainda não me aceitava enquanto gay, mas, este momento, para mim, fora glorioso demais. A partir daquele dia, alguns alunos de outros cursos se aproximaram de mim e fizeram amizade, até então só tinha amigas.

Louro (2019) ainda pontua que,

[...] as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores [...] com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual (LOURO, 2019, p.22).

Trabalhei na Secretaria da fazenda por um ano (tempo do estágio) e fiz amizade com os outros alunos que haviam passado também. Pessoas que tenho vínculo até hoje. Ainda, naquele ano, por conta da minha responsabilidade, dedicação e organização, fui eleito representante e presidente da comissão de formatura. Tinha que me reunir com os outros presidentes dos cursos de Contabilidade e Administração, pois a formatura era uma solenidade única para todos os cursos.

Em 1996 conclui o curso Técnico em Magistério, sonho realizado e agora partir para o trabalho.

Foi um período de muitas lutas internas, desafios, não aceitação e dúvidas, mas também de conquistas, reconhecimento e superação. Não tive uma referência para conversar, me abrir, dirimir dúvidas. O medo não me permitia ser eu mesmo e não tinha nenhum homossexual como referência, foi uma época que poucas pessoas tinham coragem de se assumir. Aprendi muito, tornei-me professor, no entanto, ainda não aceitava a minha orientação sexual.

3 A VIDA ADULTA CHEGARA E O CORPO VIADO RESISTIA

Consegui um contrato na Prefeitura Municipal de Itamaraju por meio de uma amiga para lecionar Língua Portuguesa para as séries finais do antigo ginásio no Colégio Municipal João Paulo II, no bairro Várzea Alegre, no ano de 1997. Início difícil, pois, não tinha experiência que me desse um certo respaldo, e as únicas vezes que pisei em sala de aula foram em meus estágios no antigo ensino primário.

Enchi-me de coragem e fui conhecer as turmas e trabalhar. Não tive dificuldades, pois os conteúdos a serem ministrados não eram desconhecidos para mim. Claro, não tinha um conhecimento aprofundado das teorias literárias e gramaticais, porém, sempre busquei e consegui executar o que me fora proposto.

Ainda, no início de 1997, o Estado da Bahia lançou um edital de concurso para Itamaraju, mas não haviam vagas para professores nível I (que só possuía magistério), procurei a cidade mais próxima para concorrer. Fiz minha inscrição para a cidade de Vereda e lá fui eu, recém formado, tentar o tão sonhado concurso estadual. Em meados de 1997, saiu o resultado e para minha felicidade, fui aprovado dentro das vagas. Um sonho que não se concretizou, pois o Estado não convocou nenhum professor nível I para aquele certame.

No final do mesmo ano, a Prefeitura de Itamaraju abriu o primeiro concurso para todas as áreas, inclusive para o magistério. No município haviam pouquíssimos professores licenciados, todos os outros eram apenas formados em Magistério, logo, a concorrência seria homérica. Lembro-me que foi neste momento que os professores da Escola João Paulo me convidaram para dar aulas de língua portuguesa. Aceitei de prontidão e fomos estudar para o concurso.

Dei aulas para os colegas por duas semanas e fomos fazer a prova. No dia 19 de janeiro de 1998, recebi a notícia que havia sido aprovado em segundo lugar no referido concurso. Nesta época, estava fazendo as provas do meu primeiro vestibular na UNEB em Teixeira de Freitas. No entanto, a alegria de ser efetivado como professor do fundamental I tomava todo meu ser, estava muito feliz por esta conquista.

E lá fui eu tomar posse do tão sonhado concurso. Fui lotado na Escola Municipal Reitor Edgard Santos, escola de fundamental II, mas meu objetivo maior era entrar como efetivo na rede estadual de ensino, mas, para isso, precisaria ter um curso superior. No entanto, não existia faculdades públicas e nem particulares em Itamaraju e a mais próxima era a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Teixeira de Freitas.

Muni-me de coragem e fiz a inscrição para o curso de Letras, mas, infelizmente, não foi minha vez. Em junho de 1998, a UNEB abriu inscrição para a primeira turma de Matemática do campus. Conseguir entrar neste campus era como acertar na loteria, mas vontade não me faltava de apostar. Comentei com uma ex-professora, Maria Betânia, que seria uma boa oportunidade para nós.

Ela já era efetiva do Estado e da Prefeitura, então, resolvemos tentar. Em julho, do mesmo ano, não me recordo o dia da semana, era uma tarde bonita, terminei de ministrar minhas aulas na escola e me dirigi para casa. Ao chegar, fui recepcionado por meu pai com

um abraço. Achei muito estranho, pois ele nunca foi de demonstrar seus sentimentos aos filhos. Em seguida, ele me disse: “parabéns, meu filho! Você está realizando um sonho meu”.

Então, perguntei-me o que teria acontecido para receber aquele abraço tão afetuoso. Ele então falou que havia recebido um telefonema de alguém de Salvador informando que eu havia sido aprovado no curso de Matemática da UNEB de Teixeira de Freitas. A princípio, não acreditei, pois, até onde eu tinha conhecimento, a universidade não ligava para os aprovados.

Não demorei e saí correndo para a casa de minha ex-professora, Maria Betânia, para perguntar se ela havia recebido alguma ligação. Chegando lá, contei do ocorrido e ela falou que os pais também tinham recebido a ligação. Então, ficamos pensando se seria trote ou não. No dia seguinte, o jornal A Tarde chegou, e lá estava a relação dos aprovados do referido vestibular.

Tudo se confirmou, pois tanto eu como minha amiga e ex-professora conseguimos a tão sonhada aprovação. Guardo este jornal até hoje como a concretização de um dos meus maiores sonhos, ter um curso superior. Não fazia menção das dificuldades que me aguardavam.

3.1 O caminhar da academia

Em agosto, matriculei-me e comecei a estudar. Adentrar naquele espaço, sentir-me um universitário, saber que entre quase 3 mil candidatos, eu estava entre os 40 colocados, era grandioso demais. Neste mesmo semestre 1998.2, conheci um dos professores que virou uma referência como pessoa e profissional.

Na aula de Sociologia, de repente, entra um professor baixinho, negro, com um chapéu tipo boina, andar rápido e voz firme. Apresentou-se como Catatau, mas que tinha o apelido de Moisés Augusto. Sempre fora brincalhão em suas aulas. Não parava um minuto, tinha um modo de ensinar dinâmico, ele conseguia dar vida as suas falas e transferia a mesma sensação para seus alunos.

Um belo dia, discutindo acerca de sexualidade, até então, para aquele ano, tudo era um tabu na minha turma e pelos meios em que transitava, ele me solta um: “Sou gay e não tenho problema algum com a minha sexualidade e por sinal, tenho um parceiro que coaduna dos

mesmos pensamentos”. A sala de aula virou um cemitério. Todos calados, olhos atônitos, não estávamos acostumados com aquele modo tão natural de falar sobre orientação sexual.

Aquilo para mim fora grandioso. Como eu queria ter aquela coragem, aquela postura, aquela segurança para me afirmar. A turma, aos poucos, começou a ficar mais descontraída e a aula fluiu como nunca. Em pouco tempo, Catatau se tornou o queridinho de todas as turmas, todos queriam estudar com aquele sociólogo baixinho, de fala rápida com aulas super descontraídas que ensinava brincando.

Ao mesmo tempo que vivenciava aquela liberdade do Catatau, eu me punia, pois aprendi, desde pequeno, que sentir algo por alguém do mesmo sexo era vergonhoso. Ser gay era carregar as marcas de um pecado. Era algo paradoxal, querer ter a liberdade de minha sexualidade e ao mesmo tempo me punir por conta das convicções religiosas com as quais fui doutrinado.

Neste campo religioso, Morais (2017, p. 81) coloca que, “[...] o “outro” não é apenas diferente, mas é a representação material do inimigo maior dos cristãos, o Diabo. O discurso fundamentalista incita a crença de que o Diabo usa as pessoas homossexuais para destruir as famílias, pois esta tem uma conotação sagrada”. Ainda para o autor “[...] a igreja, fundada por Jesus, seria o meio da Graça e da Salvação da humanidade” (MORAIS, 2017, p. 76).

Neste pensamento de pecado, eu fazia penitencia, promessas, participava de grupos de jovens da igreja tentando suprimir os meus desejos de todas as formas, pois ainda vivia em um conflito muito intenso. Mergulhei nos cálculos intensamente. O curso de matemática, de certa forma, trouxe-me um alento, pois, devido a tantas matérias da área para serem estudadas e colocadas em dia, não sobrava tempo para pensar em mais nada.

Diante do trabalho em Itamaraju e dos estudos em Teixeira de Freitas, meus horários eram apertados e, geralmente, não havia como almoçar, pegava o ônibus com fome. Às vezes, levava bananas da prata para mim e para a minha amiga ou marmita. Chegávamos na UNEB às 13:50h, com vinte minutos de atraso, mas os professores já sabiam. Com isso, passamos os cinco anos de curso em uma exaustão constante. Noites perdidas, viagens, ônibus quebrando na estrada, ficar à espera de caronas para poder voltar para casa. Acesso à internet era muito difícil, nem imaginávamos o quanto essa ferramenta poderia ter facilitado nosso estudo.

Ainda, no curso de matemática, tive a oportunidade de conhecer um colega muito especial. Tinha trejeitos de homem gay e era evangélico. Aproximou-se de mim, acredito que

por ter sentido que nossa orientação sexual eram as mesmas. Não conversávamos sobre a nossa sexualidade, pois, até então, não tínhamos nos assumido um para o outro. No entanto, a nossa orientação sexual transbordava por nossos gestos, maneira de falar, de se posicionar. Somente nós não nos percebíamos.

Contudo, notávamos nossa sexualidade. Ele era professor em Itabatan, como eu, morava com os pais. Era o filho caçula e, por incrível que pareça, até na fisionomia éramos parecidos. Houveram momentos em que fui até confundido com ele pela Secretária da faculdade. Meu colega havia pegado um retroprojektor e não tinha devolvido, deixando o mesmo na sala de aula. No dia seguinte, fui cobrado pela secretaria acadêmica. Rimos muito deste episódio.

Em 2003, no último dia de aula, estávamos todos em êxtase por ter conseguido chegar ao final daquela etapa sem dever nenhuma disciplina e aprovados no TCC. O Robson se aproximou de mim e falou que tinha algo muito importante para conversar comigo e que não achava justo terminarmos este ciclo sem se abrir totalmente para mim. Perguntou se eu poderia acompanhá-lo até o gazebo que fica na área externa da UNEB e eu respondi que sim.

E lá fomos nós para esse último bate-papo, enquanto estudantes de Matemática. Sentamos um em frente ao outro e ele não sabia por onde começar, olhava para mim, ria e baixava a cabeça e eu achando que ele queria se declarar pra mim. Meu Deus! Quanto constrangimento! Então, ele resolveu começar. Falou que a amizade que construímos durante o curso foi muito forte e que via em mim um irmão não nascido da mesma mãe, mas escolhido pelo coração e que, diante disso, não achava justo terminar o curso sem revelar algo para mim.

Foi neste momento que os olhos dele começaram a lacrimejar e eu, como sempre, chorão, estava já em prantos sem nem saber o verdadeiro porquê daquela conversa. Então, ele falou que era gay e que não gostaria que nada mudasse entre nós, porque ele me considerava muito e queria levar a nossa amizade para o resto da vida. Abracei-o fortemente pois, pelo choro dele, percebi que o sofrimento com relação a autoaceitação era igual ao meu. Compartilhávamos das mesmas angustias, dos mesmos anseios, dos mesmos medos de sermos apontados, tachados, diminuídos, excluídos, renegados por nossos pais. Enfim, éramos iguais em praticamente tudo.

De acordo com Louro (2019):

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias (LOURO, 2019, p.13).

Neste dia, o diálogo foi de pertencimento, nada nos bastava além de nós. Conte para ele de meus medos, meus traumas. Revelei que, até aquele momento, tinha tantos traumas que, por incrível que pareça, ainda era um gay virgem e que nunca tinha tido coragem de me encontrar com alguém com a mesma Identidade de gênero. Confessei que nunca me senti confortável em realmente estar com uma mulher.

Disse-lhe que a ideia de enganar alguém para cumprir um protocolo heteronormativo não me agradava, não achava justo. Ele ria e não acreditava, mas fui tomado por uma abertura tão grande que despi para ele a minha alma. Aquela momento, no último dia como alunos da UNEB, ficou marcado para sempre. Por que não fizemos isto antes? Teria sido um caminhar pelo curso tão mais leve, tão mais feliz por ter alguém com quem compartilhar minhas dúvidas, meus questionamentos.

Em 2004, continue mantendo contato por telefone com o Robson, e sempre trocávamos SMS. Ele me contava suas angustias por ser evangélico, estava namorando “clandestinamente” só eu sabia, mas, ao mesmo tempo que estava feliz, as questões religiosas o perseguiram. Ficava angustiado por ele, pois, apesar de ter começado o meu processo de desconstrução tardiamente, já tinha passado dessa fase de autopunição, auto regulação, dessa cobrança por questões religiosas.

Não demorou, e ele acabou passando em um concurso para trabalhar em Teixeira de Freitas e, quase todos os fins de semana, eu viajava para ficar no apartamento com ele. Nos divertíamos muito, parece que o peso que ele carregava diminuía com minha presença. Foi um período muito prazeroso.

Robson decidiu entrar de vez para a igreja Evangélica, começou a namorar uma menina da mesma religião, casaram, tiveram filhos e nos afastamos. Embora tenhamos tomado caminhos distintos, o respeito e a amizade perduram até hoje e esporadicamente nos falamos pelas redes sociais.

3.2 Entre um caminhar e outro, novos personagens e desafios

Ainda em 2004, resolvi fazer um curso de inglês no CNA, e lá, na turma conheci uma pessoa muito especial.

Ele se chamava, Yuri. Uma pessoa muito engraçada, altamente extrovertida, totalmente desconstruída, abertamente gay com o qual me identifiquei logo de cara. Sentávamos juntos para tudo. Para estudar e também admirar um colega de turma, diga-se de passagem, lindíssimo. Perto do Yuri sentia-me mais livre para poder me expressar. Ele já tinha uma certa fluência com o idioma e sempre se destacava nas aulas, aproximamo-nos mais e viramos “irmãs”, e é assim que nos referimos até hoje.

Ele me ensinou muito com seus posicionamentos e posturas. Às vezes, fazia-me passar algumas vergonhas, quando gritava com uma voz totalmente forçada, imitando uma mulher. Isso chamava a atenção das pessoas em volta. Morria de vergonha, mas, por dentro, era uma explosão de risos. Muito de minha desconstrução, agradeço a ele, por me mostrar que ser quem a gente é vai muito mais além do que se preocupar em cumprir um papel que a sociedade espera de nós.

Não tínhamos segredos algum, sempre compartilhamos tudo. É a “irmã” que confiei a minha alma, pois sabia que não me decepcionaria. Éramos, ou melhor, somos um livro aberto um para o outro. Todas as nossas aventuras, angústias, decepções e romances são relatados um para o outro, até hoje. Posso dizer com todas as letras que ele me ensinou e vem me ensinando muito sobre a vida e o ser *queer*.

Ser *queer* que nas palavras de Louro (2018):

[...] *queer* sempre faz pensar no estranho, no esquisito, no excêntrico. *Queer* parece ser algo que incomoda, que escapa das definições. O termo fica atenuado quando dito assim, em português. Provavelmente porque deixa escondido a sua história de abjeção. Usado para indicar o que é incomum ou bizarro, o termo em inglês, é, também, e expressão pejorativa atribuída a todo sujeito não-heterossexual. Equivaleria a “bicha”, “viado”, “sapatão” (LOURO, 2018, p.83).

O meu amigo Yuri mostrava-se *queer* em seus discursos e comportamentos. Ele era estranho para as normas de sexo-gênero. Havia nele um desprendimento, um desejo de libertar-se dos outros, outros que o prendiam por meio da regulação e, aos poucos, quis me soltar também e verificar quais eram os outros que me prendiam.

Ainda neste ano, passei por uma situação que me marcou profundamente. Soube que uma determinada escola da rede particular estava precisando de professor de Matemática. Como era um dos únicos na cidade licenciado na área, vi uma oportunidade de aumentar o meu salário. Fui até a escola, apresentei-me na direção. Falei de minha formação e disponibilidade para trabalhar no turno que a instituição precisasse. No entanto, sem muitos rodeios, a gestora informou que se caso fosse contratado, eu teria que ter um corte de cabelo mais adequado e que teria que me expressar com menos gesticulações, pois, aquilo daria uma má impressão de mim, já que a instituição era mantida por uma igreja evangélica.

Logo, senti o racismo e a homofobia me atravessarem, sem ao menos levarem em consideração a minha competência técnica para ocupar tal espaço. Saí daquele lugar cabisbaixo, pois, havia pouco tempo que começara o meu processo de desconstrução. No entanto, muitas coisas ainda pesavam sobre mim: opinião da família e olhar da sociedade, ou seja, o receio da exclusão de outrora, retornara como brasa, como o ferro quente que havia tocado meu peito no passado.

Diante disso, minha primeira atitude foi sair dali e ir direto para um salão cortar o meu cabelo e me policiar quanto aos gestos que fazia. Naquele momento, pensei que fugia dos olhares e dos rótulos passando despercebido. Ledo engano! Uma vez afeminado, sempre afeminado, embora não me autopercebesse como tal.

De acordo com Macrae, (2018):

“[...] as chamadas “bichas pintosas” - os homens muito afeminados - sofrem uma discriminação, por parte daqueles que internalizaram os preconceitos da sociedade, passando, então a extravasá-los às custas dos que consideram escandalosos e cuja companhia seria comprometedora (MACRAE, 2018, p.126).

Estar na presença de outros gays afeminados constrangia-me muito. A sensação de deixar transparecer que eu era gay por estar próximo de outro me consumia. Evitava-os a todo custo por receio de levar este rótulo. Demorou para perceber que essa fuga era daquilo que eu mais renegava em mim no intuito de passar despercebido aos olhares alheios.

Já em 2005, o tão sonhado edital do concurso para Professor da rede estadual, tinha sido publicado. Fiz a minha inscrição logo no primeiro dia. Era algo que almeja há muito tempo e tinha que conseguir a tão sonhada aprovação. Mesmo trabalhando 40 horas (dois turnos), muni-me de coragem e motivação, montei meu cronograma de estudos e dei início a

trajetória. Fiz a prova de seleção na cidade de Eunápolis no mês de janeiro e, ao sair da sala, estava super desmotivado, pois, além dos conhecimentos matemáticos, tinha questões de língua portuguesa, conhecimentos pedagógicos, atualidades e informática. Todas com um alto grau de dificuldade.

Lembro que os amigos que foram fazer a prova comigo, compartilhavam do mesmo sentimento desmotivador. Retornei à minha vida normal, aguardando com bastante ansiedade o resultado, embora, desacreditado. No mês de julho, foi publicado no diário oficial do estado da Bahia o resultado do referido concurso. E lá estava eu às 4:00 da manhã atualizando a página na internet. Quando postaram às 4:25h, saí procurando a DIREC 08 que correspondia ao núcleo de Eunápolis e lá estavam os aprovados da cidade de Itamaraju.

Havia passado em segundo lugar, não me contive de tanta alegria e saí acordando a todos dentro de casa. Liguei para duas amigas que também haviam sido aprovadas e fomos às cinco da manhã comemorar na padaria do centro da cidade. Foi um dia maravilhoso! No dia 31 de dezembro de 2006, último mandato do governador Paulo Souto, foi publicado no diário oficial do Estado a convocação de todos os professores aprovados no concurso. A posse ocorreu no dia 19 de março de 2007. Guardo até hoje o diário oficial dessa minha realização.

Em 2007, em uma conversa com minha amiga Maria Betânia, chegamos à conclusão que já tínhamos quatro anos sem estudar, só trabalhávamos. Então, decidimos, em comum acordo, cursar enfermagem. E lá fomos nós para mais uma aventura. Iniciar uma outra graduação e foi nesta área que entendi como as questões biológicas tendem a interferirem no processo de subjetivação dos indivíduos, ou seja, no curso de Enfermagem ficou perceptível que as questões de gênero e sexualidade possuem um discurso engessado pelo cientificismo. Portanto, o gênero deve coadunar com o corpo, deixando os sujeitos que fogem a regra em um “não-lugar”, e isso me incomodava.

Cursar enfermagem, foi uma realidade totalmente diferente para mim. Estava mais amadurecido, embora com algumas amarras, já me aceitava mais, tinha vários amigos gays, não me prendia mais em deixar transparecer o que eu realmente não era.

Pelo menos no curso de Enfermagem, por seu caráter mais plural, não percebi nenhuma atitude homofóbica, como havia na escola. Isso ajudou a ser realmente quem eu era. Já no primeiro semestre, pude sentir uma recepção bastante amistosa por parte do corpo docente e discente. Demorei um pouco para poder me relacionar com outros rapazes com medo do que

poderia acontecer, mas quando percebi que era um ambiente seguro, fiquei tranquilo e me permiti.

Foi um período muito intenso de desconstruções acerca da minha sexualidade. Fiz muitas amizades com estudantes de outros semestres que também eram gays e isso me ajudou muito neste processo. No ano seguinte, 2008, decidi romper mais uma barreira. No carnaval da cidade do Prado, na primeira segunda feira, sai um bloco denominado “As muquiranas” onde os homens se vestem de mulher e vice versa. Como eu queria ter aquela coragem de me travestir e sair pelas ruas! Comentei com uma amiga chamada Lucielene que queria muito sair neste bloco. Ela, prontamente disse que estaria no Prado para fazer uma maquiagem “babadeira” em mim.

Então, fui às compras e aos empréstimos: saia da minha afilhada, bolsa e tamanco de uma amiga por nome Tânia, corpete da minha comadre Telma e fui para as lojas comprar peruca, meia arrastão e bijuterias. Figurino pronto, ansiedade para me montar e o medo de ser mais uma vez rotulado, no entanto, o que me confortava era perceber que muitos heterossexuais se montavam sem nenhum pudor e incorporavam verdadeiras mulheres. Se eles faziam isso, por que eu que já tinha o estigma não poderia fazer?

O grande dia chegou! Sai de Itamaraju as nove da manhã com destino ao Prado. Lucielene já estava a minha espera. Conversamos muito, rimos, e o processo de transformação se iniciou. Era tanto tipo de maquiagem com tantas particularidades que até falei que seria a primeira e última vez, pois dava muito trabalho ser travesti. Já estava todo montado e agora surgiu o medo. Como sair na rua daquele jeito? Vergonha, insegurança, medo, no entanto, a vontade de realizar aquele desejo falou mais alto. Minha amiga me acompanhou até a concentração do bloco. Até chegar, foi um percurso onde não vi outra pessoa travestido e todos olhavam para mim. Quanta insegurança! Mas, ao chegar na concentração e ver todo aquele colorido, tantas outras pessoas travestidas, sorrindo, dançando, me senti mais a vontade. Saliento que andar de salto é para os fortes!!! Perdi a unha do pé nesse dia por usar um salto muito apertado, mas, valeu a pena. Fiquei realizado, não queria mais tirar a roupa. foi tudo muito lindo e prazeroso.

Nos anos seguintes não perdi mais, era um momento pra extravasar. Convenci alguns amigos que foram comigo e a alegria se completava. Todos coadunavam com a mesma orientação sexual. Sentíamos livres para sermos quem quisermos ser.

3.3 A menina dos meus olhos

Cursar mestrado sempre foi algo que almejei, mas na região só havia a Universidade do estado da Bahia (UNEB), e essa só oferecia a graduação. A vinda da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), no ano de 2014, reacendeu esse desejo, pois já havia rumores que seriam ofertados cursos *Strictu Sensu*.

Em 2018, o tão mestrado foi autorizado, de posse do edital, comecei a rascunhar um projeto, mas não me sentia seguro para adentrar no mundo da pesquisa. Desejava-o muito, mas, ao mesmo tempo, pensava que não seria algo palpável para mim. Submeti meu projeto nos três campus mais próximos: Itabuna, Porto Seguro e Teixeira de Freitas. Obtive aprovação na primeira etapa, que foi a avaliação do projeto, no campus de Porto Seguro.

Enfim, convocado para arguição, o medo me dominou. Não me sentia digno de ocupar aquele espaço que em outros tempos era tão distante. Optei em não comentar com ninguém e não comparecer a entrevista. Essa atitude me fez carregar um peso tão grande, pois minha trajetória sempre foi marcada por superar os obstáculos que surgiram no meu caminhar e esse eu não consegui transpor.

Com isso em mente, prometi a mim mesmo que tentaria novamente e cumpriria todas as etapas, ou seja, não abriria mão de chegar lá. Infelizmente, por conta da pandemia, o edital de 2020 não saiu. Por sorte, em janeiro de 2021, o edital foi publicado com uma alteração: não era mais um projeto, e sim uma carta de intenção.

Corri contra o tempo para dar conta de tudo que fora pedido e fiz a minha inscrição. Primeira etapa: avaliação da carta de intenção, APROVADO. Com essa aprovação, veio-me o nervosismo, mas a minha determinação e os incentivos de meus amigos falaram mais alto.

O dia da entrevista chegara e a ansiedade estava a mil. Confesso que saí da entrevista destruído, desmotivado, sem perspectiva de aprovação, porém, com a sensação de que aquela barreira havia sido quebrada. O resultado saiu uma semana depois, e para minha surpresa: APROVADO.

Posso dizer com todas as letras que esse foi um dos dias mais felizes da minha vida. A felicidade não cabia em mim. Meus pais não compreendiam muito bem o que era uma aprovação em um curso de mestrado, mas festejaram comigo, porque entendiam que era uma

coisa muito boa, porque sabiam que seu filho estava feliz, e isso bastava para a felicidade deles.

4 PARA CONCLUIR

Falar sobre mim e pensar que essa narrativa é uma produção de conhecimento, faz-me pensar acerca da importância de compartilhar memórias e perceber que nada do vivenciei foi em vão, existiram e sempre existirão propósitos. A criança viada que habitou em mim foi silenciada, maltratada, punida por simplesmente tentar externar falas, trejeitos e opiniões que rompiam com os discursos heteronormativos dentro e fora do seu lar.

Essa mesma criança viada deu lugar a um adolescente viado pautado nos mesmos moldes, tendo ainda que suprimir seus desejos para tentar passar despercebido dentro de casa e no ambiente escolar. Ambiente em que tive que criar diversos escudos para resistir ao terrorismo heterossexual.

Ser educado em um lar onde os padrões heteronormativos imperavam, ser filho de militar, possuir dois irmãos também militares, colaboraram ainda mais para que este silenciamento fosse efetivo. Hoje, afirmo que minha infância e adolescência nada mais foram que um teatro forçado, pois em todos os momentos tive que agir, falar e omitir meus sentimentos para passar a impressão de que não era o viadinho que desonraria a família.

Hoje, enquanto professor bicha, percebo que ainda existe um longo caminho a ser percorrido para a desconstrução dos discursos que rechaçam os sujeitos no campo da raça, do gênero e da sexualidade no ambiente escolar. Todavia, vale dizer que existem corpos gays e lésbicos na escola que começam a performatizar cada vez mais cedo, se empoderando, resistindo e lutando contra os discursos heteronormativos que tentam rotular e silenciar.

Em suma, chego aqui com a minha independência financeira conquistada através dos estudos e de caminhos nada fáceis. Ratifico o quanto é importante as conquistas na vida de um sujeito LGBT, pois elas são um ato de resistência. Agora, neste instante, afirmo que a Educação me libertou!

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel*, Pelotas, n.14. p. 79-95, set. 2003.

BUTLER, Judith. Alianças queer e política anti-guerra. *Bagoas—Estudos gays: gênero e sexualidades*, v. 11, n. 16, p. 29-49, 2017.

COLLING, Leandro. *Gênero e Sexualidade na atualidade*. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

FERREIRA DIAS, A.; RIOS, P. P. S.; BRAZÃO, P. “As brincadeiras denunciavam que eu era uma criança viada”. *Revista Educação em Questão*, v. 57, n. 54, 29 nov. 2019.

JUNIOR, Paulo Melgaço da Sila; CAETANO Márcio; GOULART, Treyce Ellen Silva. “Ele queria ser a cinderela”: construções queer à leitura das masculinidades no Ensino Fundamental. *Periódicus*, v. 1, n. 9, p. 87-104, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 9-41.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade- política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018.

MORAIS, Edson Elias de. A religião como dispositivo de biopoder: relações de poder no cristianismo contemporâneo. In: *VI Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo* (LERR/UEL), 2017, Londrina. Anais, UEL, 2017.

MARQUES, Valéria. SATTRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas, Brasília*, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiros. Quando as crianças viadas interpelam a docência. *Form. Doc., Belo Horizonte*, v. 12, n. 24, p. 105-120, mai./ago. 2020.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicol. cienc. prof.* 2000, vol.20, n.3, pp. 8-15.